

Construção de identidades argentinas a partir das representações midiáticas acerca da presidente Cristina Kirchner

Rejane de Oliveira Pozobon

Doutora em Ciências da Comunicação. Professora adjunta do Departamento de Ciências da Comunicação e do Mestrado em Comunicação da Universidade Federal de Santa Maria - RS. Integrante do Grupo de Pesquisa “Estudos do Jornalismo - CNPq” e do “GEPaec – Grupo de Estudos e Pesquisas em Arte, Educação e Cultura - CNPq”.
rejane.op@terra.com.br

Tabita Strassburger

Jornalista formada pela Universidade Federal de Santa Maria. Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES. tabita.strassburger@gmail.com

Resumo

O texto busca pensar a construção das Identidades Argentinas a partir das representações midiáticas acerca da presidente Cristina Kirchner. Para tanto, utiliza-se das formações discursivas apresentadas pelo jornal Zero Hora no ano de 2008, período em que setor rural e governo entraram em impasse na Argentina, devido à implantação do sistema de retenções móveis. Tomando o fato de Cristina ser a primeira mulher eleita presidente por voto direto na Argentina e a condição de esposa de ex-presidente, importa refletir sobre suas representações perante uma conjuntura conturbada. Ainda, pensando a importância atribuída à temática argentina pela mídia brasileira, com destaque para a gaúcha, observa como são construídas as Identidades Argentinas no discurso de Zero Hora. Desse modo, apreendendo noções da Análise do Discurso Francesa, procura considerar o contexto no qual os discursos se inserem e a historicidade das relações entre os dois países. Sabendo que o discurso jornalístico é construído na relação com o que lhe é exterior, pretende ponderar sobre as representações e os estereótipos perpassados pela cobertura midiática.

Palavras-Chave: Identidades Argentinas; Representações Midiáticas; Análise de Discurso Francesa; Cristina Kirchner; Zero Hora.

Abstract

The work aims to rethink the construction of Argentinian identities from media representations about the president Cristina Fernandez de Kirchner. Thus, we have decided to analyze the discourse found in the newspaper Zero Hora in 2008, during the deadlock between the rural sector and the government in Argentina, due to the introduction of retention devices by the government. Taking into consideration that Kirchner is the first woman elected president by direct vote in Argentina and the wife of a former president, it is important to reflect on their representations before a troubled situation. Still, considering the importance given to the topic Argentina by the Brazilian media, especially in Rio Grande do Sul, it points out how Argentinian Identities are constructed in the discourse of Zero Hora. Thus, using concepts of French Discourse Analysis, this work considers the context in which the speeches are inserted and the historicity of the relations between the two countries. Knowing that media discourse is constructed in relation to what is external, we want to

ponder over the representations and stereotypes presented by the media.

Key-words: Argentinian identities; media representations; French Discourse Analysis; Cristina Kirchner; Zero Hora.

Sobre Argentina e argentinos: representações, identidades e estereótipos

O ano de 2008 pode ser considerado um período de crise para a Argentina. Talvez não um momento tão duro quanto outros que o país já vivenciou, mas certamente também teve seus efeitos. O impasse recebeu ampla cobertura da imprensa mundial, com destaque para a brasileira devido às intensas e históricas relações bilaterais entre esses países.

O embate começou em 11 de março, quando o governo argentino, representado pelo então ministro da Economia, Martín Lousteau, tomou medidas que modificavam o chamado sistema de retenção. As “retenciones” argentinas são taxas sobre as exportações de grãos e, pela alteração, via Resolução 125/08, elas se tornariam retenções móveis com alíquotas podendo oscilar conforme os preços do mercado internacional.

Os meses seguintes foram de embates políticos e econômicos. Por fim, após votação no Senado, apontou-se o fim do sistema de retenções móveis estipulado pelo governo. Assim, em 18 de julho, o chefe de Gabinete de Ministros, Alberto Fernández, anunciou a revogação do decreto e o estabelecimento de outro. O novo decreto, de número 1176, limitava a vigência da medida anterior e ordenava “dejarlas sin efecto para que puedan discutirse, en democracia y pluralidad pero con instituciones que estén exentas de presiones”¹.

Basicamente foram essas questões que levaram à crise argentina de 2008. Cenário este que se converteu no pano de fundo da pesquisa² que este artigo pretende relatar.

O valor simbólico presente nas relações entre Brasil e Argentina foi determinante para a referida pesquisa. Perpassadas historicamente, essas relações guardam traços que nem se sabe de onde vêm, por estarem há muito arraigados na sociedade. Marcas que se apresentam nos discursos midiáticos e que circulam na sociedade como representações e estereótipos do que seriam as Identidades Argentinas.

Colocadas essas questões, é imprescindível atentar aos conceitos de representações e identidades, buscando apontamentos que favoreçam a compreensão dos conceitos junto ao objeto elegido, quer seja, a Argentina e os argentinos no discurso do jornal Zero Hora.

Partindo dessa perspectiva, enquanto instância de divulgação e legitimação de todo tipo de representações, a importância midiática é inegável. No entanto, é preciso ter em mente que essas

representações não partem apenas da mídia, mas também de inúmeros outros mediadores. Elas agem tomando a esfera da socialização, englobando-se ao cotidiano e se tornando senso comum, nos mais diversos contextos sociais.

Nessa direção, o estudo dialoga com a Teoria das Representações Sociais, de Serge Moscovici. Elaborada no âmbito da Psicologia Social, a pretensão no momento é refletir a partir do olhar da Comunicação. Para tanto, propõe-se uma aproximação de suas concepções e do contexto comunicacional, com ênfase no jornalismo. Desse modo, segundo as teorizações do autor (2004, p. 10), as representações sociais seriam entidades quase tangíveis, que

circulam, se entrecruzam e se cristalizam continuamente, através duma palavra, dum gesto, ou duma reunião, em nosso mundo cotidiano. Elas impregnam a maioria de nossas relações estabelecidas, os objetos que nós produzimos ou consumimos e as comunicações que estabelecemos.

Pode-se dizer que elas corresponderiam tanto à substância simbólica quanto à prática que produz essa substância. Soma-se a isso outro propósito das representações sociais, o da familiaridade. O tornar o não familiar, a não familiaridade, em algo familiar. Moscovici (2004, p. 55) afirma ser a dinâmica das relações “uma dinâmica de familiarização, onde os objetos, pessoas e acontecimentos são percebidos e compreendidos em relação a prévios encontros e paradigmas”. Por vezes, isso resulta na prevalência das imagens sobre a realidade.

Com relação às representações midiáticas, inicialmente, é preciso elucidar que a mídia também é composta por uma mescla de informações e interferências dos mais variados campos. Por conseguinte, as representações midiáticas não ocorrem de forma unilateral, mas recebem inúmeras influências das várias instâncias presentes na sociedade.

Por meio das intervenções que a atinge, em suas práticas discursivas, a mídia pode oferecer representações que naturalizam certos vieses. Essas representações não são necessariamente tomadas pelos indivíduos, que podem aceitar, não aceitar, ou ainda reconfigurar as elaborações midiáticas. Para Silveira (2004, p. 2), a origem da representação está na “ação transitiva de um sujeito que, ao advertir um objeto, dele constrói uma imagem”. Assim, as representações midiáticas atuam de modo determinante na atualidade, fixando e difundindo a memória, através dos suportes tecnológicos.

Em meio a tal reflexão, instaura-se o mote das identidades, também representadas junto à mídia e à sociedade. Conforme Silva (2000), a identidade seria uma construção, um efeito, uma relação, seria instável, contraditória, fragmentada, inacabada. Estaria ligada a estruturas discursivas e narrativas, a sistemas de representação e às relações de poder.

Outro aspecto que merece destaque é o caráter relacional das identidades. Para existir, uma

identidade necessita de outra, ela é marcada pela diferença. Sendo assim, a identidade argentina existe a partir de algo que é exterior a ela, no caso, a brasileira. É preciso a existência de uma identidade que ela não é, de uma relação com o Outro, que a difere ao mesmo tempo em que lhe dá condições de viver.

Esse ponto é reiterado por Bhabha (2007, p. 86), quando afirma que “o Outro deve ser visto como a negação necessária de uma identidade primordial – cultural ou psíquica – que introduz o sistema de diferenciação que permite ao cultural ser significado como realidade linguística, simbólica, histórica”. Desse modo, o jogo entre identidade e diferença é fundamental para organizar as referências de uma determinada identidade.

Relacionado a isso, é preciso ponderar sobre as fronteiras entre “nós” e “eles”. Verifica-se que as relações entre os países estão cada vez mais próximas, as informações são divulgadas em escala mundial e as diversas mídias permitem que se conheça qualquer lugar do globo. Simbolicamente, há uma verdadeira inserção da vida de “um” na vida do “outro”, mesclam-se culturas e experiências tidas como próprias de certo grupo. Além de uma interminável mistura e fragmentação de identidades, o resultado é que as identidades de um país – e de seu povo – causam maior impacto naqueles ao seu redor.

Em geral, a situação ocasiona um conhecimento superficial do Outro e tende a construir representações estereotipadas. A circulação, transmissão e legitimação desses estereótipos ocorre através das mediações da vida social. Amigos, escola, família, igreja, mídia são algumas das instâncias atuantes na consolidação, ou modificação, dos modos de representar situações, pessoas, objetos, enfim, o mundo ao seu redor. Apesar de associados ao que está previamente definido, é preciso enfatizar que os estereótipos não são estáticos, podendo ser renovados, modificados, ganhar novos contornos, seguindo a dinâmica da vida social e de suas novas demandas.

Dessa maneira, para compreender o modo como são construídas, divulgadas e legitimadas todo tipo de representações, acredita-se de suma importância análises e reflexões, como a que se apresenta. Por meio de estudo e problematização, pretende-se buscar um entendimento do discurso jornalístico sobre a temática abordada, e visualizar as nuances apontadas pelo discurso de Zero Hora acerca da Argentina, dos *hermanos* e de sua presidente.

Caminho metodológico: entre o poder e o não poder do discurso

Em um primeiro momento, importa referir algumas tomadas de decisão acerca do presente artigo. A pesquisa se vale de textos escritos, verbais, publicados na versão impressa de Zero Hora. A escolha do periódico ocorreu devido à relevância que apresenta enquanto principal impresso junto à população gaúcha e aos argentinos que vivem no Rio Grande do Sul. E ainda pelo modo como o

jornal desenvolve a temática argentina, trazendo as informações de forma singular e dando representativo espaço aos conteúdos.

Quanto à seleção das notícias, definiu-se o ano de 2008, por ser a época do impasse entre ruralistas e governo, período de maior intensidade e fatos com amplitude, no país vizinho. Na sequência, escolheu-se quatro palavras-chave relacionadas diretamente à problemática para a busca no arquivo digital do jornal: Argentina, Cristina Kirchner, ruralistas e crise. Sendo assim, o *corpus* final possuiu 15 matérias.

Com referência à abordagem metodológica, os estudos norteadores apresentam suas bases na Análise de Discurso de linha francesa, com as obras do pioneiro Michel Pêcheux. A metodologia foi elegida por admitir uma perspectiva mais ampla dos contextos em que estão envolvidos os discursos. O fator é de suma importância para o estudo que se apresenta, devido às relações e ao envolvimento históricos entre Brasil e Argentina.

Para apreender o discurso, é fundamental considerar os processos e as condições de produção da linguagem, o homem na sua historicidade, relacionar linguagem e exterioridade. A AD considera o modo como a linguagem se materializa na ideologia e como a ideologia se manifesta na linguagem. Ao empreender tal análise é preciso ter ciência de que quando alguém fala, fala de algum lugar, e fala com algum objetivo, a partir de posicionamentos.

Outra acepção elaborada por Pêcheux marca o discurso como dispersão de sentidos, efeito de sentidos entre locutores, com regularidade e funcionamento próprios. Não existiria univocidade de sentido nos discursos. Para apreendê-los, seria preciso considerar o social e o histórico, o subjetivo, bem como o objetivo, o processo e também a produção.

Nessa direção, importa saber ainda que o sujeito não é dono do seu dizer, estaria sempre repetindo discursos outros, mesmo que de modo inconsciente. Um discurso sempre está marcado pela presença de outros discursos, pelo discurso do outro. Dessa maneira, munido do próprio discurso e daqueles advindos de outros campos, é que o jornalismo produz e faz circular efeitos de sentido junto à sociedade.

Considerando esses pontos da AD, convém trazer o conceito de formações discursivas (na sequência, FD). A noção foi introduzida por Foucault e reformulada por Pêcheux no quadro da AD. Passando pela questão da formação social relacionada às classes sociais, aparecem as posições políticas e ideológicas, que incluiriam uma ou várias FD interligadas, determinando o que poderia e deveria ser dito, em uma posição dada em uma conjuntura determinada. As palavras mudariam de sentido conforme mudariam de uma FD para outra.

O conceito é revisto, no sentido da não identidade consigo mesmo, no final dos anos 1970, por Pêcheux e outros pesquisadores. Surge, então, a FD atrelada ao interdiscurso, lugar no qual se constituiriam os objetos e a coerência dos enunciados que se munem de uma FD. Citando Pêcheux

(1983, p. 237), Charaudeau e Maingueneau (2008, p. 241) apontam que uma FD não seria “um espaço estrutural fechado, já que ela é constitutivamente ‘invadida’ por elementos provenientes de outros lugares (i. e., de outras formações discursivas) que nela se repetem, fornecendo-lhe suas evidências discursivas fundamentais”.

Seguindo nessa perspectiva, encontra-se em Benetti (2001) que as FD se constituem por reiterações de sentido, ou seja, pela repetição de um mesmo sentido construído no decorrer de enunciados diferentes. O princípio remeteria à interpelação do sujeito, que em determinados lugares pode dizer uma coisa a uma pessoa, e que em outros, não pode dizer a mesma coisa a outra pessoa. Nas palavras de Benetti (2007, p. 117, grifos da autora),

a FD *contém* a posição de sujeito que a determina: “naquela” posição, “naquela” conjuntura social e histórica, apenas alguns sentidos “podem e devem” ser construídos. Este “externo” que acaba determinando a materialidade discursiva, como já vimos, é a formação ideológica.

Na maioria das vezes, o processo ocorre sem que os sujeitos tenham consciência de sua colocação nos discursos e sem que observem a construção dos efeitos de sentido e da carga ideológica presentes nessa materialidade discursiva. Pode-se afirmar que o sentido não existe em si mesmo, não está na literalidade das palavras, mas na sua articulação com outras, por meio das metáforas e transferências que se colocam em relação nas FD.

Desse modo, Pêcheux (1997, p. 53) coloca toda descrição como “exposta ao equívoco da língua: todo enunciado é intrinsecamente suscetível de tornar-se outro, diferente de si mesmo, de se deslocar discursivamente de seu sentido para derivar para um outro”. Seria o princípio do ato de interpretar, no qual todo enunciado poderia ser tomado de modo abrangente à leitura e interpretação. Retomando a problematização de Pêcheux, nas palavras do próprio intelectual, tem-se que uma FD seria “aquilo que, numa formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição dada numa conjuntura dada, determinada pelo estado da luta de classes, determina *o que pode e deve ser dito*” (PÊCHEUX, 1997b, p. 160, grifos do autor).

Nessa direção, pensou-se as FD a partir dos sentidos que são reiterados pelo jornal em suas sequências discursivas (SD). Para nortear a pesquisa, considerou-se “reiteraões” os sentidos presentes em pelo menos três matérias diferentes. Simplificando, as SD são trechos recortados para a análise e o relato da pesquisa. Através do mapeamento dessas sequências é que seriam apontadas as FD. Referente a isso, cabe alertar que todos os grifos presentes nas SD são marcações utilizadas com o intuito de frisar os sentidos trazidos pelo discurso.

Segundo Benetti (2007), cada pesquisador tem seu modo de organizar e nomear as FD. Elas são determinadas pela exterioridade e se constituem de uma escolha, de fato, do autor discursivo.

No entanto, ele não pode construir interpretações simplesmente com base em suas impressões, mas sim construí-las justificadas pelos textos analisados. Assim, considerando as palavras utilizadas na busca e a finalidade da pesquisa, optou-se por numerar as FD e nomeá-las de acordo com o sentido principal que se apresenta em cada uma delas³.

Nossa vizinha, a Argentina: a crise do país em Zero Hora

Colocadas as questões pertinentes à análise, resta dar continuidade ao proposto por meio das formações discursivas. A pretensão é mapear os arquivos textuais selecionados, organizando as FD que estiverem presentes e, através de exemplos de SD, contribuir com o entendimento dos sentidos que se constroem nos discursos das matérias. Para tanto, importa ressaltar que é dado destaque às FD que mais tiveram SD no periódico e aquelas consideradas mais pertinentes ao objetivo da pesquisa (FD1 e FD6, respectivamente).

A FD1 foi chamada “O enfraquecimento do governo Cristina Kirchner” por apontar sentidos referentes à rejeição do decreto das retenções, aos fracassos nas negociações do governo com os ruralistas, às derrotas sofridas frente ao Senado e à perda de popularidade da presidente Cristina Kirchner junto à população argentina. A utilização de expressões como “derrota”, “fracasso”, “sem solução”, aludindo à governante, demonstra a forma como as representações foram elaboradas por Zero Hora, durante o ano de 2008.

Fracassa diálogo entre governo e produtores (SD1)⁴.

Foi frustrada a tentativa de encontrar uma solução para a crise entre o governo de Cristina Kirchner e ruralistas argentinos (SD2)⁵.

Por um longo período, as representações da presidente da Argentina foram construídas atreladas principalmente à beleza e aos cuidados femininos. Apesar de não ter sido uma constante em 2008, percebe-se que essa característica é retomada na próxima SD.

As rugas do governo Cristina se evidenciam nas pesquisas de opinião, que, segundo o Instituto Poliarquía, mostraram **queda de 21 pontos percentuais na popularidade do governo** desde o início do conflito com os produtores rurais, 90 dias atrás. **Em relação ao início do ano, a queda chega a 30 pontos.** (SD3)⁶.

Quando coloca “as rugas do governo Cristina”, aponta-se um lado considerado negativo do

envelhecer. As marcas que o corpo passa a apresentar pelas alterações na pele são trazidas para evidenciar que o governo não é mais como antes, a face bela da Presidência estaria se deformando. Também se demonstra a queda de popularidade da presidente por meio de números que ancoram e fornecem mais credibilidade à informação apresentada, contrapondo dados positivos do início do governo com os que denotam o decréscimo de aprovação do povo.

Continuando, a FD2 recebeu a denominação “Na presidência, os Kirchner” por suas SD apresentarem o governo argentino como tendo dois líderes, a presidente, Cristina Kirchner, e seu marido, Néstor Kirchner. Não raro, atribui-se ao governo tomadas de decisão conjuntas entre ele e Cristina, ou ainda, características e posturas próprias de Néstor.

As matérias reforçam a ideia de atuação dupla, por meio de construções que remetem ao apoio de Kirchner para com o governo de sua esposa, às estratégias adotadas por ambos para que os conflitos internos possam ser resolvidos sem tantas dificuldades, e inclusive através da aglutinação dos dois protagonistas políticos (Cristina e Néstor) em expressões como “os Kirchner”, “casal presidencial” e, simplesmente, “os K”.

Em outro sentido, a FD3 “A pressão dos ruralistas” e a FD4 “Manifestações pela Argentina” remetem às mobilizações que ocorreram no país, contrárias ou favoráveis ao governo. Ambas apontam discursos que se referem aos movimentos decorrentes da crise, quer seja, manifestações pressionando o governo a reverter o decreto das retenções, protestos da população nas cidades, campanhas pró-governo, os tradicionais painéis argentinos, os piquetes organizados e similares.

Na sequência, recebendo o nome “Reminiscências de crises anteriores”, a FD5 diz respeito às informações que buscavam no passado argentino situações de crise, e se utilizavam de exemplos de momentos semelhantes ao que o país vivenciava. Observa-se um resgate da memória argentina e de um suposto medo dos argentinos de que 2008 também marcasse um período duro e tenso.

Finalmente, a FD6, “Prejuízos para o Brasil”, refere-se diretamente ao que a crise trouxe de consequências para o país vizinho. Apesar de seus sentidos não serem reiterados tantas vezes quanto o das FD anteriores, sua importância é extrema por estar vinculada diretamente ao caráter relacional das identidades, no sentido da dependência com aquilo que ela não é.

Nessa direção, o que aparece são principalmente preocupações financeiras, relacionadas às cargas levadas por caminhoneiros brasileiros e impedidas de ser entregues devido a piquetes nas rotas argentinas, e ainda às negociações bilaterais que ocorrem entre Brasil e Argentina, com o limite de compra dos produtos.

A Ruta 14, a Rodovia do Mercosul, tornou-se cenário do principal piquete de agricultores que protestam contra o governo argentino. **E um pesadelo para caminhoneiros brasileiros.** [...]. (SD1)⁷.

Pode-se destacar a distinção entre “nós” e “eles” por meio da relação entre identidade e diferença. A crise ocorre no país vizinho, portanto, com os “outros”. Todavia, pela extensão de seus impactos, torna-se um pesadelo para os “nossos” trabalhadores, que são colocados como vítimas dos protestos argentinos.

Com referência aos problemas advindos com a crise do país vizinho, percebe-se que o discurso de Zero Hora enfatiza principalmente a exportação de grãos argentinos para o Brasil, limitada em virtude do conflito. As representações apontam imposições e excessos burocráticos por parte da Argentina, dificultando a negociação entre os países. Além disso, assinalam que a quantidade do produto liberada para o Brasil é irrisória considerando as necessidades do país e o volume de trigo que era comprado até então.

Embarques ao Brasil serão limitados a 2 mil toneladas por produtor (SD2)⁸.

Apesar do anúncio, **a remessa de trigo ao Brasil não será fácil**. Ao mesmo tempo em que autorizou a venda de mais 100 mil toneladas, **o governo estipulou uma série de medidas burocráticas que deverão ser atendidas pelos exportadores**. (SD3)⁹.

A próxima SD mostra uma alteração no foco de abordagem do jornal. Mantendo a questão ligada ao Brasil, observa-se a construção da problemática junto ao âmbito regional, denotando preocupações do cenário internacional para com a situação argentina.

Aproximação maior com Chávez seria **revés para Brasil** (SD4)¹⁰

As representações do conflito são elaboradas considerando o receio de influências negativas para o Mercosul, os riscos que traria para o Brasil – cada vez mais consolidado como líder na região – uma aproximação ainda maior entre Argentina e Venezuela (ou Cristina e Chávez), e a apreensão dos governos brasileiro e estadunidense com os contornos assumidos pela crise.

Importa trazer ainda outra SD elaborada junto ao discurso de Zero Hora. Observa-se como a conjuntura de preocupação dos brasileiros diante da crise se mostra nos enunciados desenvolvidos pela publicação, no transcurso de 2008.

Duração do conflito **começa a preocupar brasileiros** (SD5)¹¹.

As representações midiáticas remetem à instabilidade do país, à falta de confiança do

mercado externo, ao risco de uma crise ampla e intensa como outras vivenciadas. Pode-se visualizar que o jornal Zero Hora contribui com a manutenção de um discurso de incertezas atribuídas à realidade da Argentina. Além desse fator, percebe-se que as representações do país, não raro, são elaboradas por meio de discursos anteriores, confirmando e/ou construindo novos estereótipos.

Cristina em pauta: as identidades argentinas no discurso de Zero Hora

Após ter dedicado larga atenção ao mapeamento empírico e perpassado noções teóricas imperativas à temática analisada, é possível fazer algumas inferências sobre o modo como Zero Hora procedeu à cobertura da crise entre o governo e ruralistas na Argentina. Dessa forma, primeiramente, cabe apontar representações de Cristina Kirchner que contrariaram as expectativas ou que apresentaram mudanças na publicação com o passar do tempo.

Pode-se afirmar que a aparência e vaidade de Cristina não aparecem com tanta ênfase, como em períodos anteriores. Durante sua campanha eleitoral e logo que assumiu o governo, a presidente recebia destaque da mídia pelos cuidados e pela preocupação ao se apresentar em público. O modo de se vestir, a maneira como o cabelo estava arrumado, a maquiagem que utilizava, inclusive, eram questões presentes nas notícias de jornais e revistas.

Com a crise, o foco se volta a aspectos negativos da presidente, em geral relativos ao caráter. A aparência parece não importar diante das posturas de Cristina frente ao governo. Mesmo estando em uma matéria, a relação com a imagem física mudou de formato. Se antes era atrelada à beleza da presidente, agora evidencia o desgaste e a perda da bela aparência.

As representações construídas acerca da presidente apontam para uma governante enfraquecida, derrotada, sem soluções para a crise instaurada. Ainda, Cristina é apresentada como intransigente, não afeita ao diálogo e às negociações. Nessa direção, pode-se considerar que as representações do governo da Argentina e das decisões tomadas nesse âmbito são atreladas principalmente à figura presidencial. Atribui-se a Cristina resoluções, problemas advindos de tais medidas, ausência de possibilidades que contenham o impasse, protestos pela cidade, paralisações nas rodovias. Enfim, parte significativa das problemáticas relacionadas ao governo de modo geral é elaborada por meio de conexões diretas com a presidente.

Voltando as considerações às Identidades Argentinas, percebe-se que são construídas através de fatores históricos como o temor pela vivência de crises anteriores, as preocupações atuais devido às situações do passado. Em um sentido amplo, as representações denotam uma Argentina insegura diante dos problemas financeiros e políticos, assustada pelas lembranças daquilo que já enfrentou.

Além disso, a elaboração das identidades dos argentinos remete a um espírito contestador e

reacionário, que não se sujeita a imposições, relutante diante do que vai contra seus interesses. Para construir as Identidades Argentinas, Zero Hora se apropria de aspectos evidenciados no país vizinho, como o método de protestar, batendo panelas, paralisando rodovias, manifestando-se do modo que se tornou característica argentina ao longo dos anos.

Outro ponto relevante de ser mencionado diz respeito às demarcações entre “nós” e “eles”. Nas matérias analisadas, esse processo simbólico ocorre quando o assunto converge aos interesses comerciais e econômicos do Brasil. Assim, é perceptível em conjunturas que apontam a “nossa” economia condicionada ao fornecimento de alimentos dos “outros”, no caso, os argentinos. Ou ainda, ao assinalar situações em que “nós” temos restrições nas negociações com “eles”.

Por fim, tendo em mente o modo como o discurso jornalístico de Zero Hora desenvolve as representações da presidente Cristina Kirchner e constrói as Identidades Argentinas, considera-se que o periódico contribui na elaboração, divulgação e legitimação de estereótipos referentes ao país vizinho. Além disso, pelo contato que se teve com as formações discursivas, acredita-se que sim, a cobertura da publicação auxilia, com maior ou menor intensidade, nas concepções que seus leitores têm da Argentina e dos argentinos.

Notas:

¹ As informações e o decreto 1176, referidos no texto, podem ser buscados no endereço da Presidência Argentina <http://www.casariosada.gov.ar/index.php?option=com_content&task=view&id=4714>.

² Pesquisa monográfica de mesmo nome, desenvolvida no segundo semestre de 2009, com o objetivo de concluir o curso de Comunicação Social – Jornalismo, pela Universidade Federal de Santa Maria, RS.

³ As FD encontradas foram: FD1 – Fracassos do Governo Cristina Kirchner, FD2 – A Presidência dos Kirchner, FD3 – A pressão dos ruralistas, FD4 – Manifestações pela Argentina, FD5 – Reminiscências de crises anteriores, FD6 – Prejuízos para o Brasil. Em virtude do espaço, nesse artigo, elas são colocadas de modo simplificado.

⁴ Título da notícia sobre a tentativa de acordo entre governo e ruralistas acerca do decreto referente às retenções para a exportação de grãos argentinos. “Fracassa diálogo entre governo e produtores”. *Zero Hora*. Sábado, 24 de maio de 2008, p. 29.

⁵ “Fracassa diálogo entre governo e produtores”. *Zero Hora*. Sábado, 24 de maio de 2008, p. 29.

⁶ “Em meio ano, governo Cristina desanda”. *Zero Hora*. Domingo, 08 de junho de 2008, p. 34.

⁷ “Crise de confiança na Argentina”. *Zero Hora*. Quarta-feira, 14 de maio de 2008, p. 18.

⁸ Chamada para a matéria “Argentina autoriza venda extra de trigo”. *Zero Hora*. Terça-feira, 20 de maio de 2008, p. 20.

⁹ “Argentina autoriza venda extra de trigo”. *Zero Hora*. Terça-feira, 20 de maio de 2008, p. 20.

¹⁰ Subtítulo “Aproximação maior com Chávez seria revés para Brasil”, faz parte da reportagem “Em meio ano, governo Cristina desanda”. *Zero Hora*. Domingo, 08 de junho de 2008, p. 34.

¹¹ Título da reportagem “Duração do conflito começa a preocupar brasileiros”. *Zero Hora*. Quinta-feira, 19 de junho de

2008, p. 30.

Referências bibliográficas

BENETTI, Marcia. Análise do Discurso em Jornalismo: estudo de vozes e sentidos. In: LAGO, Cláudia; BENETTI, Marcia (orgs.). **Metodologia de Pesquisa em Jornalismo**. Petrópolis: Vozes, 2007, v. 1, p. 107-122.

BENETTI, Marcia; JACKS, Nilda Aparecida. O discurso jornalístico. In: **X Compós - Encontro Anual da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação**, 2001, Brasília. Disponível em: <http://www.compos.org.br/data/biblioteca_1217.pdf >. Acesso em: 01 de dezembro de 2009.

BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

CHARADEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. **Dicionário de análise do discurso**. São Paulo: Contexto, 2008.

MOSCOVICI, Serge. **Representações sociais: investigações em psicologia social**. Petrópolis: Vozes, 2004.

PÊCHEUX, Michel. **O discurso: estrutura ou acontecimento**. 2ª ed. Trad. Eni Puccinelli Orlandi. Campinas: Pontes, 1997.

_____, Michel. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. 3ª ed. Trad. Eni Puccinelli Orlandi [et al]. Campinas: Editora da UNICAMP, 1997b.

SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000.

SILVEIRA, Ada Cristina Machado da. Representações midiáticas, memória e identidade. In: **VII Colóquio Brasil-França**. Anais do XXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – INTERCOM. Porto Alegre: PUCRS-INTERCOM, 2004.

1
2
3
4
5
6
7
8
9
1
1